

# O Alerta que Silenciosamente está entrando em Casa: Red Pill

Recentemente, a sociedade foi impactada por um episódio alarmante em uma escola particular, onde grupos de alunos criaram comunidades digitais para classificar colegas de forma depreciativa e misógina. O que muitos desses jovens tentam rotular como "humor de grupo" ou "coisa de menino" é, na verdade, um sintoma grave de uma exposição profunda a ecossistemas digitais tóxicos, como o movimento Red Pill e fóruns de masculinidade agressiva.

Para o psicólogo e especialista em desenvolvimento humano, Rossandro Klinjey, esses casos não são isolados. Eles revelam um processo silencioso de desumanização, onde a colega de classe deixa de ser vista como uma pessoa com direitos e sentimentos para se tornar um mero objeto de zombaria. Segundo Klinjey, as famílias e escolas devem estar atentas a três fatores críticos que alimentam esse comportamento:

- **A Validação por Pares:** O ambiente digital cria "bolhas" onde o desrespeito é aplaudido, incentivando jovens a cruzarem linhas éticas e legais apenas para serem aceitos pelo grupo.
- **A Naturalização do Crime:** Discursos de ódio são frequentemente camuflados sob o manto de "piadas internas", o que oculta a gravidade de atos que possuem consequências jurídicas e psicológicas devastadoras.
- **A Desumanização do Outro:** A perda da empatia transforma a agressão em entretenimento, validando comportamentos que ferem a dignidade humana.

Klinjey reafirma que proteger nossos jovens exige uma postura ativa e presente. Não basta saber se os filhos estão online; é preciso compreender quem eles estão se tornando enquanto navegam. Isso passa pelo monitoramento ético, ou seja, uma conversa constante sobre os valores que eles absorvem nas redes.

Nesse cenário, o Letramento Digital torna-se urgente. Ele vai além do domínio técnico das ferramentas; trata-se de ensinar que o que é crime no mundo físico também o é no digital. É desenvolver no jovem a autonomia e o pensamento crítico para dizer "não" a grupos que promovem o ódio.

A escola e a família devem atuar em sintonia para mostrar que discursos de violência geram consequências reais. O silêncio ou a minimização desses atos — com frases como "é só uma fase" ou "são apenas crianças" — serve apenas para reforçar o comportamento agressivo.

Casos como os ocorridos em São Paulo mostram que o desafio é coletivo. Falar abertamente sobre masculinidade, respeito e empatia é o único caminho para impedir que o ódio dite as regras de convivência de nossos adolescentes. Precisamos garantir que nossas casas e escolas sejam espaços de segurança e formação humana, e não de reprodução de violência.

**JUNTOS, PODEMOS TRANSFORMAR ESSA REALIDADE E CONSTRUIR UM AMBIENTE DIGITAL E SOCIAL MAIS SEGURO, CONSCIENTE E HUMANO.**

Equipe Pedagógica do Vitória-Régia

